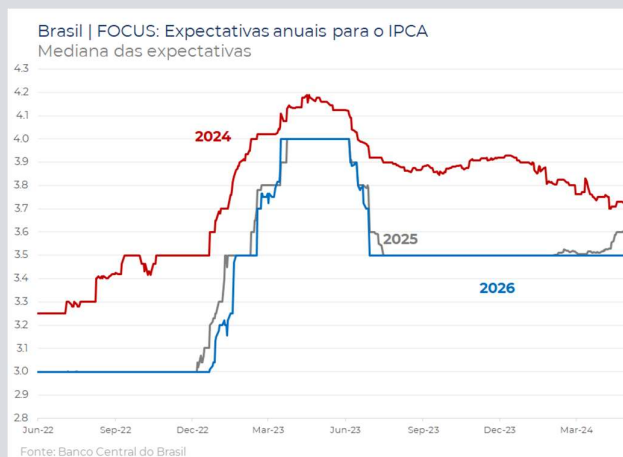


Blue Notes | Fechamento da Semana | 24 de maio de 2024

Copom e FOMC administram divergências internas, mas de forma diferente. A economia brasileira vem apresentando desempenho favorável no curto prazo, mas sinalizações negativas quanto à condução da política econômica à frente predominam sobre o preço dos ativos financeiros e contratam uma redução nos investimentos privados derivada do aumento das incertezas. Além das incertezas fiscais, os ruídos da política monetária já afetam as expectativas de inflação, que têm se deteriorado para níveis ainda mais distantes da meta de 3%. Nesse contexto de desancoragem das expectativas de inflação, seria muito bem-vinda uma estratégia de comunicação um pouco mais coordenada, sem deixar de expressar as nuances de cada membro do comitê. A comunicação do FOMC seria um exemplo a ser seguido, com a ata revelando que parte do board vê riscos de uma nova elevação da taxa de juros em aparente contraposição à mensagem de Powell, mas com os pronunciamentos individuais de cada membro do comitê não sendo vistos como confrontacionistas à visão do chairman.

Haddad desacredita meta de 3%, mas acerta ao mirar em rigidez do gasto público. Além das polêmicas em torno da divergência de visões dentro do Copom, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, também deu sua contribuição no aumento das incertezas de mercado ao levantar dúvidas se a firme persecução da meta de inflação de 3% deveria ser mantida. O ministro classificou a meta de 3% como “exigentíssima” e “inimaginável” no Brasil numa sessão da Comissão de Finanças da Câmara dos deputados. No prosseguimento da discussão, porém, o ministro parece acertar ao endereçar o problema da vinculação de gastos públicos à receita corrente como um grande empecilho à execução de um processo de consolidação fiscal sem exaurir a capacidade de investimento do setor público. As dúvidas acerca da execução de um ajuste fiscal de longo prazo também explicam parte da desancoragem de expectativas de inflação, aumentando o custo da política monetária.



PMIs dão tom positivo para atividade. Nos EUA, o índice composto avançou para 54.4, acima das expectativas. Enquanto para o caso americano outros indicadores acabam sendo mais confiáveis sobre o estado da economia, a divulgação reforça a expectativa de mais um trimestre com crescimento sólido, embora com sinais de desaceleração. Para a Zona do Euro, destaque para o setor de manufaturas que teve um resultado mais positivo no mês enquanto a parte de serviços ficou estável em terreno expansionista. O PMI composto de 52.3 é consistente com um crescimento acima de 1% em termos anualizados. Já no Reino Unido, o indicador acabou moderando por conta de uma queda em serviços, mas se mantendo em patamar robusto de 52.8. Os números positivos entre setores e regiões trazem um tom mais otimista para o crescimento global.

No México, desinflação gradual. O componente subjacente continuou em declínio, atingindo 4.3%. O processo desinflacionário tem sido bastante beneficiado pela dinâmica benigna de bens, enquanto serviços continua com maior persistência. Na margem, a composição foi mais encorajadora com queda dos serviços subjacentes. As minutas do Banxico mostraram uma divisão bem marcada dentro do comitê, apesar da última votação unânime por manutenção. A visão majoritária é de que o nível bastante restritivo juntamente com a queda da inflação provavelmente permitirá a retomada dos cortes de juros nas próximas reuniões.